



PEDRO BANDEIRA

Garrote, menino coragem

Leitor crítico – Jovem adulto

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



PEDRO BANDEIRA

Garrote, menino coragem

Leitor crítico – Jovem adulto

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

RESENHA

Caramujo é o apelido de Eduardo, um menino que de alguma maneira parece não se adequar ao ambiente da escola em que estuda. Misterioso, silencioso, retraído, ainda assim se destaca jogando futebol e não tem medo de uma briga. Uma tragédia inesperada, porém, fará com que a vida do garoto se transforme brutalmente: ele perde os pais num acidente de carro e tem de se mudar para a fazenda erma no centro-oeste do país, onde mora sua avó Ana, O Encantado. É nessa terra tão diferente de tudo aquilo que conhecera em São Paulo que o garoto se aproximará do sábio Velho Santinho,

que lhe batizará com a alcunha de Garrote: bezerro de três anos, bicho nervoso, sempre obstinado. Logo Eduardo/Caramujo/Garrote começará a entender que nessa terra a palavra de Nhá Nana, sua avó, é lei; aquele que vai contra essa palavra se expõe à crueldade sem igual do carrasco Carne Seca. A vontade do menino da cidade de abandonar essa terra estranha e essa avó autoritária será pouco a pouco desviada pelos encantos da delicada Ritinha, menina analfabeta, tão diferente de suas colegas de escola. E, pouco a pouco, à medida que se revelam a ele os mistérios do Encantado e os segredos ocultos da sua família, Garrote/Eduardo decidirá quebrar as regras para acabar com o mundo de desmandos e injustiça.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Por meio da trajetória de Garrote, Pedro Bandeira de algum modo evoca o momento difícil de transição que atravessamos na passagem da infância para a idade adulta: sem a proteção dos pais, longe do ambiente conhecido da escola, o garoto passa por um período de profunda indefinição, repleto de dúvidas e conflitos dolorosos, até que, depois de redescobrir suas raízes mais remotas, Eduardo reconhece a própria identidade. Trata-se de um momento em que a descoberta da própria subjetividade se associa ao reconhecimento de uma realidade exterior que nos ultrapassa: menino de São Paulo, Garrote irá descobrir um Brasil que desconhecia, um Brasil arcaico e rural, onde os conhecimentos que adquirira no colégio servem pouco, muito pouco. Do reconhecimento de uma realidade exterior muitas vezes opressiva, nasce a necessidade de posicionar-se em relação a ela: temos a opção de tornarmo-nos cúmplices do estado de coisas vigentes ou de tentar transformá-lo. O personagem de Pedro Bandeira opta pela transformação.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela de formação

Palavras-chave: Amadurecimento, arcaico X moderno, rito de passagem

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História

Tema transversal: Ética

Público-alvo: Jovem adulto

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Leia para os alunos a quarta capa do livro e estimule-os a, levando em conta apenas as informações ali presentes, bem como as imagens da capa e o título do livro, imaginar em que consiste a história que vai ser narrada.
2. Leia com os alunos a apresentação do autor, no final do livro, que mostra um pouco de sua história e revela os motivos que o levaram a escrever este livro. Converse um pouco com a turma: o texto do autor obriga-os a modificar alguma coisa nas hipóteses levantadas?
3. Pergunte à classe se alguns alunos da turma são conhecidos por apelidos, e não pelo nome próprio. Eles se identificam ou se incomodam com o apelido? Como foi que a alcunha ganhou força? Quais dos estudantes já foram chamados por apelidos que não se usam mais?
4. Adiante para a turma que uma parte da narrativa se passa na cidade de São Paulo, outra se desenrola numa fazenda no centro-oeste do país. Peça aos alunos que realizem uma pesquisa sobre as condições climáticas, a vegetação e o modo de vida da população em duas regiões tão diversas do Brasil, procurando reunir imagens e fotografias. Quais são os contrastes mais flagrantes entre esses dois locais?

Durante a leitura

1. Estimule seus alunos a verificar quais das hipóteses levantadas por eles a respeito da história se confirmam, e quais não.
2. O personagem principal da história é chamado, no decorrer da narrativa, de três maneiras diferentes: o seu nome próprio e dois apelidos. Peça que eles procurem perceber o que cada um desses nomes revela sobre as características do personagem em cada momento da história, bem como sobre as transformações pelas quais ele passa.
3. Em seu texto de apresentação, ao final do livro, Pedro Bandeira revela que esta obra

já teve diversos títulos diferentes: *De Piolho a Garrote*, *Na colmeia dos infernos* e *De punhos cerrados*, até chegar ao atual, *Garrote, menino coragem*. Estimule-os a descobrir que aspecto da narrativa cada um desses títulos destaca. Se a escolha fosse dos alunos, quais desses títulos eles escolheriam?

4. Peça aos estudantes que atentem para as descrições das paisagens feitas pelo narrador, procurando reconhecer elementos dos dois locais do país onde se passa a história que já figuravam nas suas pesquisas.

5. Estimule os alunos a atentar para os momentos em que as situações do livro revelam a gritante desigualdade social existente no país.

Depois da leitura

1. Discuta um pouco com seus alunos sobre o papel dos nomes em *Garrote, menino coragem*. O que significam as mudanças de nome do protagonista? Por que é o Velho Santinho quem batiza todos os que vivem na fazenda? Por que as criadas de Nhá Nana não são chamadas por seus próprios nomes, mas pelo das mulheres que trabalhavam naquele posto antes delas? Veja se eles percebem como o nome está ligado a uma reflexão sobre a identidade das personagens.

2. Proponha que seus alunos desenhem a árvore genealógica da família de Eduardo, para que ela sirva como um mapa que ajude a compreender as relações entre as personagens.

3. Assim que chega à fazenda, Eduardo, conhecido como Caramujo, é batizado pelo Velho Santinho como Garrote. Em muitas culturas tradicionais, a mudança de nome é um momento fundamental nos diferentes ritos de passagem: modifica-se o nome de um indivíduo à medida que se altera a posição que ele assume no grupo. Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa a respeito dos ritos de passagem da infância para a idade adulta nas mais diversas culturas, dedicando uma atenção especial aos costumes das tribos indígenas brasileiras. O livro *O poder do mito*, de Joseph Campbell, contém alguns exemplos e discussões bastante interessantes sobre esse assunto. Será que a trajetória de Garrote neste livro poderia ser interpretada como um rito de passagem?

4. O evento que desencadeia todo o conflito da narrativa é um evento trágico que se dá logo no início da história: a morte dos pais de Eduardo. Ora, o símbolo da orfandade é muito presente tanto nos contos de fada quanto nas mais diversas mitologias e lendas tradicionais: simboliza o momento em que o adolescente é lançado ao mundo, desprotegido, sem o amparo dos pais. Estimule seus alunos a se lembrar de contos de fada com órfãos como personagens principais. Os exemplos são muitos: *O gato de botas*, *Branca de Neve*, *Cinderela*, entre outros. Traga para ler com seus alunos um belo conto, pouco conhecido, de Hans Christian Andersen, *O companheiro de jornada*, em que um jovem, há muito tempo órfão de mãe, perde o pai e resolve partir em viagem pelo mundo. Peça a seus alunos que atentem para o percurso de amadurecimento do protagonista: quais as principais diferenças entre ele e o Garrote de Pedro Bandeira? Será que a figura do Companheiro de jornada que passa a acompanhá-lo não evoca, de certa forma, a figura do Velho Santinho? O conto pode ser encontrado na compilação *Contos de Andersen* publicada pela editora Paz e Terra.

5. Os heróis órfãos não figuravam apenas nas narrativas tradicionais: eles estão muito presentes nas narrativas contemporâneas, seja no cinema, na literatura ou nos quadrinhos. Personagens como o bruxo Harry Potter ou o jovem Peter Parker, mais conhecido como Homem Aranha, são certamente muito familiares aos seus alunos; Bruce Wayne, o Batman, é outro órfão célebre. Divida a turma em pequenos grupos e peça que eles escolham um herói órfão contemporâneo de que gostem e comparem sua trajetória com a de Caramujo/Eduardo/Garrote. De que maneira a morte dos familiares interfere na trajetória do personagem? De que modo os nomes ou apelidos pelos quais o mesmo personagem é conhecido revelam diferentes facetas de uma mesma figura? Existe a figura de um homem mais velho que aparece como conselheiro do herói, tal como faz o Velho Santinho?

6. A importância da figura do Velho Santinho na trajetória de Garrote evoca outra figura arquetípica muito presente nas narrativas tradicionais: a do mentor ou velho sábio, que Jung considerava um dos arquétipos funda-

mentais do homem; figura que acompanha, aconselha e auxilia o herói, indicando o melhor caminho a seguir. Proponha que a turma realize uma pesquisa a respeito da figura do Velho Sábio (na página <http://sonharsimbolos.wordpress.com/2007/10/26/o-velho-sabio/> é possível encontrar um texto introdutório sobre o assunto) e em seguida procure verificar em que aspectos o personagem sábio do livro se assemelha a essa figura arquetípica. Proponha depois que a turma realize ainda uma pesquisa a respeito do “preto-velho”, uma das figuras mais fundamentais da Umbanda, religião afro-brasileira. É possível encontrar informações na Wikipedia, por meio do *link* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Preto-velho>.

7. *Garrote, menino coragem*, é uma fazenda que só se orienta pelas suas próprias leis, ignorando as leis vigentes no país; um lugar em que os trabalhadores são tratados com brutalidade e privados de alguns direitos básicos. Ora, essa situação, por absurda que seja, é na realidade muito frequente em nosso país: muitos anos após a Lei Áurea e a abolição da escravatura, em muitas fazendas persiste um regime de servidão e de escravidão por dívidas. Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa sobre o assunto e em seguida organize um debate em classe. No *link* <http://www.eagora.org.br/arquivo/A-terceira-abolio-da-escravatura/> é possível encontrar um texto bastante interessante sobre o assunto, que certamente pode servir de ponto de partida para uma boa discussão.

8. O livro retrata o estranhamento sentido por Eduardo, menino da cidade grande, ao se deparar com o universo de uma fazenda onde nem sequer existe luz elétrica. A menina Ritinha, a menina analfabeta por quem o garoto se encanta, sonha em conhecer São Paulo e andar de avião, e revela que jamais pôde compreender como as pessoas conseguem subir ao alto dos prédios... Proponha que os alunos invertam o jogo da narrativa de Pedro Bandeira, escrevendo

outra na qual imaginem uma viagem de Ritinha a São Paulo. Certamente o estranhamento da garota nessa cidade imensa e caótica não será menor do que o incômodo experienciado por Garrote naquele mundo rural e arcaico...

◆ *nas telas do cinema*

O filme *Abril Despedaçado*, de Walter Salles, livremente inspirado no livro homônimo de Ismail Kadaré, retrata uma região desértica do nordeste brasileiro regida por leis próprias, não escritas, onde imperam normas rígidas de vingança e punição. O jovem Tonho (Rodrigo Santoro) sabe que deve vingar a morte de seu irmão mais velho, assassinado por uma família rival, e que depois de cumprir seu desígnio será também perseguido e assassinado. Angustiado pela perspectiva da morte, Tonho passa, como o Garrote do livro de Pedro Bandeira, a questionar a lógica da violência e da tradição.

DICAS DE LEITURA

▶ **do mesmo autor**

Anjo da morte — São Paulo: Moderna

A Droga da Obediência — São Paulo: Moderna

Droga de americana! — São Paulo: Moderna

A droga do amor — São Paulo: Moderna

▶ **do mesmo gênero**

Duas vidas, dois destinos, de Katherine Paterson. São Paulo: Salamandra.

A bolsa amarela, de Lygia Bojunga: Casa Lygia Bojunga.

Chapeuzinho vermelho em Manhattan, de Martin Gaité Carmen. São Paulo: Landy.

Os meninos da rua Paulo, de Ferenc Molnár. São Paulo: Cosac Naify.